



## CORPO DE DELITO

# O olhar

Entre a criança e a mulher, o azul passou a escuro, a promessa desfez-se, a malícia deixou de estar no olhar e passou a estar reflectida nele



Rui Patrício

Na sala 6 os olhos são azuis, estão bem abertos, o olhar brilha. Duas salas adiante os olhos são escuros, parecem um pouco pisados, o olhar é baço. As duas salas são no primeiro andar da Royal Academy of Arts, em Londres, onde por estes dias se pode ver a exposição "Manet - Portraying Life". O "Retrato de Lise Campinéanu", de 1878, ocupa toda uma meia parede na sala 6, e (apesar de o quadro ter apenas 55,6 cm por 46,5 cm) o espaço que vai do ângulo da parede à porta está tomado pelo brilho do olhar da criança. Lise tem os olhos muito abertos, luminosos, ávidos do que está para vir e os seus seis anos apenas adivinham. Um olhar de criança, que adivinha e promete todo o tempo do mundo, todas as possibilidades, todas as expectativas. E tudo isso atravessado

por uma pitadinha de traquinice e um toque de malícia - aquela malícia tão pura quanto demolidora que só as crianças possuem. Não sei se neste quadro Manet ainda era realista (se alguma vez o foi), se já tinha fundado a arte moderna ou se já estava a empenhar de impressionismo a história da pintura. Apenas sei - e é isso que me enche o olhar - que aqueles olhos azuis de Lise resumem tudo o que de melhor há em ser criança. Não são apenas os olhos, o rosto também conta. É verdade - como escreveu Al Berto nos "Diários" - que o rosto é aquilo que nos distingue de tudo e de todos e nos dá o reflexo da vida, e que todas as explicações e todas as viagens estão nele. É verdade, mas não é menos verdade que no rosto são os olhos e os olhares que assumem o protagonismo, sobretudo neste quadro. E também - em vertiginoso contraste, ou talvez apenas contraponto - no quadro da sala 8, "Cantora de Rua", de 1862. Não interessa saber que instrumento musical tem ela consigo, o que tem na mão ou o que leva à boca, tal como não importa se o traje é ou não próprio de uma cantora de rua. Só interessam os olhos e o olhar daquela mulher. Os olhos são escuros

e parecem um pouco pisados e o olhar é triste, receoso talvez. Visto de um ângulo, parece apenas desprendimento, visto de outro, parece abandono. Ou será perplexidade? Desilusão? Nada disso, tudo isso? O que não é - isso não - é a expectativa, nem o brilho, nem a promessa do olhar de Lise. Esta mulher (que num quadro de 171,1 cm por 105,8 cm, ocupa toda uma parede) já não é criança. Embora de idade indefinida (vintes?, trintas?, mais?), ela já viveu, e podemos adivinhar o que uma cantora de rua na Paris de Oitocentos poderá ter vivido e visto, seja em cinco, seja em dez ou quinze anos. O suficiente para apagar o brilho do olhar da criança, duas salas antes, e para acender um olhar que sugere medo, desapontamento, frustração, abandono. Em vinte ou trinta anos, entre a criança e a mulher, o azul passou a escuro, a promessa desfez-se, a expectativa gorou-se, a malícia deixou de estar no olhar e passou a estar fora dele, observada por ele, reflectida nele. Uma malícia demolidora, que pisa os olhos da cantora de rua, mas não pura como a de Lise. Uma malícia de adultos.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Visitantes na Royal Academy of Arts, em Londres